

Sou cantor da criança e não cantor das crianças

N. 18/8/82

— declarou em Quelimane Fernando Luís

• Em Quelimane e Mocuba o público faz o artista "aquecer"

Espectáculos em Quelimane e Mocuba preencheram a viagem de Fernando Luís, conhecido músico moçambicano, autor de «as crianças querem cantar comigo» que fez vibrar as plateias dos locais onde actuou em terras da Zambézia. O nosso correspondente em Quelimane escreve a propósito:

Fernando Luís chegou a Quelimane quase no silêncio. A notícia da sua chegada não tardou, porém, a encher a capital zambeziana de boca em boca. Do aeroporto à praça de Zaiala a presença do autor de **as crianças querem cantar comigo**, sim, sempre um dedinho de conversa.

Nós também fomos abrangidos pela novidade e ajudámos a alimentar a expectativa crescente à medida que se aproximava a anunciada realização dos espectáculos.

Procurámos falar com Fernando Luís antes de se exhibir publicamente. Não conseguimos, não por culpa do cantor mas pelo tempo disponível que tanto nós como ele tínhamos.

Veio finalmente o primeiro espectáculo no Cine Teatro «Águla». Com a casa totalmente lotada, aquilo que seria a apresentação do artista transformou-se num encontro vibrante com mais de 800 pessoas a cantar em coro **as crianças querem...**

Curiosamente não eram crianças a cantar com Luisinho como foi «baptizado» em Quelimane. Eram homens e mulheres da capital zambeziana.

O segundo espectáculo quase que génica do público que estava ansioso de «cantar comigo, sim». O pavilhão coberto do Desportivo de Quelimane foi o local apontado e Luisinho viu-se rodeado de mais de dois mil indivíduos amantes da música.

O dedilhar eficiente na viola de caixa (companheira inseparável de Fernando Luís), a voz melodiosa do cantor encontraram, de novo, no Desportivo, uma aceitação total.

Talvez o segredo resida no facto de que Luisinho canta o que é seu: transmite musicalmente a exteriorização teve de ser antecipado tal era a expectativa daquilo que sente e fá-lo de uma forma acessível que a gente gosta.

O esgotamento de lotações nas cinco actuações que teve, três em Quelimane e duas em Mocuba, é expressivo e constitui também um tributo àquele que, no nosso País, é um dos jovens que tentam adquirir um estilo próprio para inclusão no que é e pretende ser música ligeira moçambicana.

PÚBLICO ACOLHEDOR E MUITO SIMPÁTICO

Depois dos espectáculos apoteóticos

encontramo-nos com o cantor para a breve entrevista que se impunha fazer e já propuseramos.

«NOTÍCIAS» — Fernando Luís, pode situar a iniciativa da sua deslocação à Zambézia?

FERNANDO LUIS — Foi uma experiência que vim tentar aplicar aqui, como «showmen». Experiência de segurar o público com uma grande quantidade de composições.

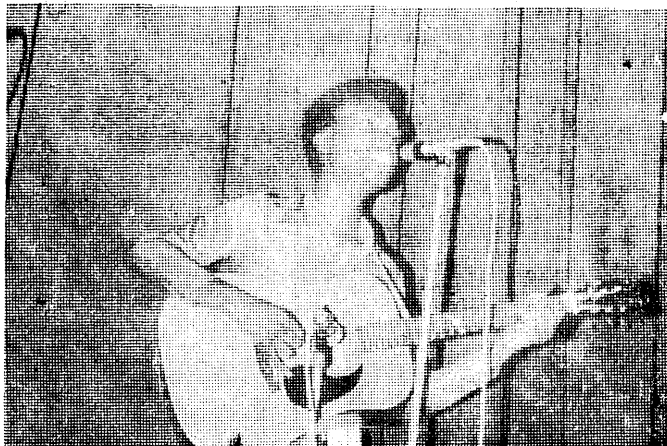
N: — Qual foi o resultado?

FL: — Foi positivo. Será necessário, como é lógico, algumas alterações pa-

ra participação do público, tinha mais fé no espectáculo do cinema. Talvez por ser o primeiro. Tinha maior receio em relação ao do pavilhão do Desportivo, por ser o segundo e num recinto maior. Felizmente esgotou também e as pessoas gostaram do encontro.

N: — Você esteve em Quelimane e Mocuba. Onde sentiu maior aproximação e mais calor dos espectáculos?

FL: — É difícil comparar. Porém, há uma ligeira diferença. O público de



Fernando Luís

ra melhorar. É difícil ver um cantor moçambicano cobrir um grande espaço de um «show». Todos os espectáculos, o artista canta duas ou três músicas no máximo.

N: — Porque escolheu a Zambézia?

FL: — Escolhi a Zambézia porque quando estive com o grupo RM em 1979, verifiquei que o público de Quelimane é acolhedor e por isso merecedor da máxima consideração de qualquer artista. Assim optei por oferecer a minha experiência ao público simpático da Zambézia.

N: — Como é que você encarava os espectáculos?

FL: — Embora estivesse convencido

que sentiu entre ser acompanhado por um grupo da capital e um da província, como foi o caso?

FL: — A diferença é que em Maputo há mais vedetismo, enquanto aqui há mais abertura, simplicidade. O 1.º de Maio em unidade, faz-me lembrar o João Domingos. Senti-me com se fosse do grupo.

N: — Mas existe uma diferença técnica. Pode falar-nos sobre isso?

FL: — Não há diferença técnico-musical. Como músicos são bons músicos. Portanto, diferença de estilos. Por exemplo no Maputo o Hokolókwê, grupo RM e João Domingos. Estilos diferentes. Também o 1.º de Maio tem o seu estilo peculiar. Versátil, dinâmico. De repente se escuta um tom clássico, a seguir trecho típico zambeziano como pode dar um trepidante estilo «new have».

N: — Em Quelimane tiveram algum apoio das estruturas ligadas à música ligeira?

FL: — Sim. Contactamos, logo à chegada, a APROCA, tendo-nos encaminhado para a Educação e Cultura. A partir daí foram-nos abertas todas as portas para as actuações. Gostaria de esclarecer que não sou o cantor das crianças (...) sou ou posso ser cantor da criança.

N: — Qual a sua opinião sobre a música ligeira moçambicana?

FL: — Há várias correntes. Ainda há pouco tempo houve uma polémica que, parece-me, não levou a nenhuma definição.

N: — Mas como enquadra o seu estilo pessoal?

FL: — Acho-o ligeiro. No entanto é difícil esclarecer por definição o que é ou o que deve ser ou se quer que seja a música ligeira moçambicana.

N: — Apesar dessa questão, pensamos que você deve conhecer o tempo para si um nome que se possa apontar como sendo o do cantor que julga ser o melhor da música ligeira. Pode dar o nome?

FL: — Não consigo classificar. Penso contudo que Hortêncio Langa, o Alexandre Langa, o João Cabaço, o Simião Mazuze apresentam um trabalho de criatividade digno de ser salientado. Não pretendo aqui dizer que são os melhores, mas é preciso ter em conta a criatividade desses artistas. Em termos de grupos, é o RM. Este consegue cobrir um espectáculo inteiro só com trabalho próprio. Os artistas que apontei também. Como cantor, o Djeko é bom, só peca por imitar canções ocidentais.

Mocuba é mais agitado, dá mais vida ao espectáculo.

N: — E que diferenças é que você notou entre actuar na capital e actuar cá na Zambézia?

FL: — Há quase uma diferença da noite para o dia. O público daqui é mais acolhedor, dedica mais calor ao artista e o artista gosta.

N: — Fernando Luís foi acompanhado pelo conjunto 1.º de Maio, de Quelimane. Que dificuldades lhe trouxe isso?

FL: — Não tive problemas nenhuns. Numa semana, os ensaios estavam concluídos em beleza.

N: — Já agora, qual é a diferença